

DIA DE PÂNICO

O presidente do Banco Central assegura no Senado que a alta dos juros é provisória. Economistas acham que elevação da taxa básica para 15,75% ao ano ajudará a impedir aumento da inflação e maior desvalorização do real no futuro

Economia

Um teste para Fraga

Paulo Silva Pinto
Da equipe do Correio

Há dois anos, o economista Armínio Fraga aceitou trocar um emprego com o megaespeculador George Soros pela presidência do Banco Central do Brasil. O dólar caiu em poucas horas de R\$ 1,85 para R\$ 1,75, demonstrando o alívio do mercado. Mas a oposição não gostou. Afinal, era a raposa a tomar conta do galinheiro. A expressão foi uma das hostilidades que Armínio enfrentou ao ser sabatinado na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado.

Ele entrou ontem na CAE com sinais inversos: a sala serviu-lhe de refúgio para a hostilidade do mercado. Não viu a Bolsa de Valores abrir em queda e o dólar atingir R\$ 2,14 antes do meio-dia. Passou a manhã em meio a um tranquilo debate sobre dollarização, desprovido de divergências: ele, os parlamentares e economistas convidados opõem-se à idéia de atrelar a moeda brasileira ao dólar.

Só por iniciativa do presidente do BC surgiu um pouco de adrenalina no ambiente. "Turbulências são conjunturais. O Brasil tem sido destino de investimento direto", disse em meio a comentários sobre a economia do país. Pouco depois, ele decidiu falar da inesperada decisão de aumentar a taxa de juros na noite de quarta-feira, ainda que de forma lacônica. "O aumento de juros não deve ser visto como permanente, ou como uma situação de perigo".

Disse também que atitude foi "preventiva", sem dar maiores explicações. O diretor de Assuntos Internacionais do BC, Daniel Gleizer, participou à tarde do debate e explicou, ao sair, o porquê da economia de palavras. "É preciso respeitar o período de luto até a semana que vem". Uma semana depois da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), divulga-se a ata da reunião

Jefferson Rudy



DELFIM NETTO E ARMÍNIO FRAGA NO SENADO: PARA O EX-MINISTRO DA FAZENDA, O GOVERNO ESTÁ PREOCUPADO COM AS CONTAS EXTERNAS

em que estão as razões da decisão tomada, seja para elevar, manter ou baixar os juros.

MEDO DA INFLAÇÃO

Combater a inflação é a principal razão para a medida, segundo economistas que participaram do debate no Senado ontem. Celso Martoni, professor da Universidade de São Paulo (USP) e sócio da Consultoria MCM, afirma que o núcleo da inflação vem se elevando nos últimos três meses. "No começo, eles

(o BC) esperaram para ver se baiava. Agora viram que o aumento é para valer", diz.

Para o ex-presidente do Banco Central Afonso Celso Pastore, professor da Fundação Getúlio Vargas, o crescimento do país está em taxa anual próxima de 5%, acima da expectativa de 4,5%. Assim, o BC decidiu esfriar o consumo. Quanto mais altos os juros, menor a tendência de as pessoas fazerem compras, porque o crediário fica mais caro e poupar torna-se mais atraente.

O deputado federal Antonio Delfim Netto (PPB-SP) acha que as contas externas são o foco da preocupação do BC neste momento. Com o crescimento, o país tende a importar mais. E torna-se necessário conseguir mais dinheiro no exterior para equilibrar o balanço de pagamentos — se isso não for feito, o real perde valor de forma drástica. "É natural que o Brasil eleve os juros no momento em que todos os outros países fazem o contrário, porque o Brasil está

crescendo, enquanto a maior parte do mundo está em desaceleração", diz.

O economista Paulo Nogueira Batista Júnior, professor da Fundação Getúlio Vargas, tradicionalmente crítico à atuação do governo, não desaprova o aumento dos juros. Mas acha que o BC poderia ter antecipado a elevação do dólar há meses, comprando moeda norte-americana para recompor as reservas cambiais: "O dólar está chegando onde deveria estar".